

## Feira de economia solidária da UNESC (FES-UNESC): espaços coletivos de trocas de sabores e saberes

### Solidarity economy fair of UNESC (FES-UNESC): collective spaces for exchanging produce and knowledge

DIMAS DE OLIVEIRA ESTEVAM

**RESUMO:** Este artigo trata da experiência da Feira de Economia Solidária (FES) da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). A primeira FES-UNESC foi realizada em 2011, com o objetivo de possibilitar a produção e a comercialização dos produtos da agricultura familiar e do artesanato da região no *campus* da UNESC. A segunda FES-UNESC aconteceu em outubro de 2012. A partir desta data, a feira passou a funcionar regularmente todas as quartas-feiras do período letivo. O presente artigo discute os espaços de produção e de comercialização numa perspectiva da Economia Solidária, com ênfase na FES-UNESC. Como procedimentos metodológicos, foram utilizados: fontes bibliográficas e documentais, obtidas em arquivos das cooperativas, associações e no Programa de Apoio à Economia Solidária (PAES) da UNESC, sendo complementadas por uma pesquisa de campo, por meio da qual os consumidores da FES-UNESC foram entrevistados. Atualmente, quatro cooperativas da agricultura familiar e cinco associações de artesãos da Região participam da FES-UNESC.

**PALAVRAS-CHAVE:** Economia Solidária. Feira. Cooperativas. Associações.

**ABSTRACT:** This article addresses the experience of the *Feira de Economia Solidária* (FES – Social Solidarity Fair) of the Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). The first FES-UNESC was carried out in 2011, with the aim of enabling the production and commercialization of produce from subsistence farmers and other small farmers in the region of the campus of UNESC. The second FES-UNESC took place in October 2012. From then on, the fair has been held regularly every Wednesday during term time. This article discusses the spaces of production and marketing from a perspective of the Solidarity Economy, with emphasis on the FES-UNESC. As methodological procedures, bibliographic and documentary sources were obtained from the archives of cooperatives, associations, and the *Programa de Apoio à Economia Solidária* (PAES) of UNESC. These were complemented by a field survey, in which consumers of the FES-UNESC were interviewed. Four subsistence farmers' cooperatives and five associations for small farmers of the region currently participate in the FES-UNESC.

**KEYWORDS:** Solidarity Economy. Trade. Cooperatives. Associations.

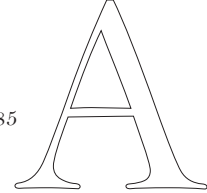


UNIVALI

UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAI

RBTS

Revista Brasileira  
de Tecnologias Sociais



## INTRODUÇÃO

Este artigo trata da Feira de Economia Solidária (FES-Unesc), que tem por objetivo contribuir para a construção de formas alternativas de mercado para cooperativas da agricultura familiar e artesãos da Região Sul Catarinense. Neste sentido, a FES-Unesc visa proporcionar o “encurtamento da cadeia produtiva” da agricultura familiar e do artesanato, possibilitando o acesso dos/as agricultores/as familiares e artesãos/as e a agregação de valor aos seus produtos.

A produção de alimentos e o artesanato sempre estiveram presentes nas rotinas diárias das propriedades rurais. Com a intensificação do uso da tecnologia, houve o aumento da produção e os excedentes comercializáveis necessitavam de alternativas para comercialização, pois os canais tradicionais já não são suficientes e viáveis para esse fim. Segundo Fernandes (2009), em hipótese alguma se pode dizer que os camponeses são avessos ao mercado, pois estão constantemente em busca de novas formas para dar vazão às suas produções.

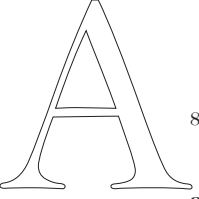
Para que os produtores artesanais obtenham resultados que lhes permitam auferir melhorias na renda de suas atividades, é necessário que atinjam o mercado consumidor de forma mais direta, encurtando a cadeia produtiva e proporcionando um ganho aos consumidores devido ao menor preço e, principalmente, à qualidade dos produtos ofertados. Para que isso seja possível, é necessário que a busca de espaços de comercialização seja feita de forma coletiva, pois individualmente poucos terão condições financeiras e estrutura para atingir esses objetivos.

Na região da Associação dos Municípios da Região Carbonífera (AMREC), um trabalho em parceria entre a Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (EPAGRI) e a Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), por meio do Programa de Ações em Economia Solidária (PAES), dos seus projetos de extensão e do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa e Extensão em Desenvolvimento Socioeconômico, Agricultura Familiar e Educação do Campo (GIDAFEC/CNPq), juntamente com as cooperativas de agricultores familiares e associações de artesãos tem possibilitado a criação de um espaço alternativo dentro do *campus* universitário da Unesc. A FES-Unesc se constitui em novas possibilidades de inserção para comercialização de produtos oriundos da agricultura familiar e do artesanato em mercados alternativos pelos associados de cooperativas descentralizadas e pelas associações de artesãos, entre outros.

Como resultado desta ação conjunta, buscou-se possibilitar aos agricultores e aos artesãos alcançar o consumidor com seus produtos sem a interferência de atravessadores, possibilitando, assim, o “encurtamento da cadeia produtiva”, propiciando a política do “ganha-ganha”. Ganham os produtores, pois recebem melhor remuneração por seus produtos; ganham os consumidores, pois compram produtos com melhor qualidade, com garantia de procedência e com melhores preços. Enfim, pratica-se o comércio justo.

Segundo Ploeg (2008), estas formas alternativas de mercado vêm na contramão da tendência atual – que são controladas pelos impérios alimentares que se consolidaram no mundo nos últimos anos –, e vêm ainda em resposta à impossibilidade de se atingir o mercado de forma individual pelos produtores.

Por meio destas formas alternativas é possível atender nichos de mercado. Os produtos alimentícios comercializados na feira têm um apelo especial, por se tratarem de produtos coloniais, produzidos de forma artesanal, sem uso de aditivos químicos e conservantes, mantendo



a originalidade das receitas e a tradição dos saberes e dos sabores da cultura local. Os produtos de artesanato agregam valor aos subprodutos obtidos na propriedade rural, tais como palhas, fibras, cipós, escamas de peixe, retalhos de tecidos, transformando-os em artesanatos temáticos, que preservam os costumes e a cultura da região.

Por meio destes mercados, segundo Maluf (2004), os agricultores familiares conseguem reinserir-se e reconectar-se ao mercado com atividades econômicas de maior densidade, diminuindo assim a vulnerabilidade social com produtos de apelo sociocultural, dinamizando com isso a economia local.

Neste sentido, a criação da Feira de Economia Solidária da Unesc fez surgir a necessidade da construção de um Fórum de debate, no qual seja possível discutir os problemas, as necessidades e as ações que devem ser tomadas para resolver os problemas inerentes à feira, as formas alternativas de mercado e as dificuldades que surgem no dia a dia. Desta forma, foi criado o Fórum de Economia Solidária da Região Sul do Estado de Santa Catarina, na qual são discutidos os assuntos referentes à Feira e aos temas relativos à Economia Solidária.

O presente artigo tem por objetivo discutir os espaços de produção e comercialização por meio de empreendimentos de Economia Solidária e discorrer sobre a criação e o funcionamento da Feira e do Fórum de Economia Solidária da Unesc.

Em relação aos procedimentos metodológicos, trata-se de uma pesquisa qualitativa, na qual se realizou uma descrição sobre a natureza do fenômeno social caracterizado pela implantação da Feira de Economia Solidária e do Fórum de Economia Solidária da Região de Criciúma. Trata-se de um estudo de caso, que é o tipo de pesquisa mais adequado para estudos microssociais, por permitir o entendimento minucioso das relações sociais (YIN, 2005)

Além da introdução, o artigo discorre sobre a Economia Solidária e cooperativismo e as formas e mecanismos de comercialização para produtos da agricultura familiar. Descreve, ainda, a trajetória e o funcionamento da Feira de Economia Solidária da Unesc e do Fórum de Economia Solidária da Região da AMREC.

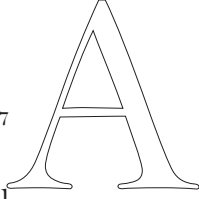
## **ECONOMIA SOLIDÁRIA E COOPERATIVISMO: FORMAS ALTERNATIVAS DE PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO POR MEIO DE FEIRAS DE ECONOMIA SOLIDÁRIA**

Depois do surgimento do capitalismo, todas as atividades econômicas passam a ser controladas pelo poder do dinheiro, tornando-se assim subjugadas aos interesses deste. Porém, em contraponto a este modelo, surge uma nova forma de organização produtiva, na qual há uma socialização da produção baseada na cooperação e na autogestão, modo este conhecido como Economia Solidária.

Singer (2002) define Economia Solidária como sendo uma alternativa ao capitalismo, por meio da qual é possível produzir baseando-se na cooperação e não na competição, em que os membros se associam para produzir, comercializar, consumir ou trocar.

O movimento de Economia Solidária compreende experiências diversificadas de produção, consumo, crédito e comercialização, as quais se norteiam pelos princípios de cooperação, desenvolvimento sustentável, igualitarismo, democracia participativa e autogestão (LISBOA, 2007).

Dentro deste contexto, observa-se ainda que, mesmo num mundo capitalista, há formas de produção inclusivas, nas quais é possível reunir um pouco de cada um para o benefício de todos. É um



mundo dito por muitos como ‘utópico’, mas que vem mostrando a cada dia que pode ser o diferencial baseado no coletivo, sem, contudo, privar seus participantes das faculdades da decisão pessoal. Para Singer (2002, p. 10), “a Economia Solidária é o outro modo de produção, cujos princípios básicos são a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade individual”.

Segundo Lisboa (2004), mesmo considerando os princípios da Economia Solidária, não é possível abstrair do mercado. O que muda é a percepção de valores, tais como preços justos, em vez de lucro maximizado. Ganho social em vez de ganho individual. As empresas, que aderem a estes conceitos, assumem e denominam-se empresas solidárias. Para Arroyo e Schuch (2006), a organização da produção no sistema solidário emerge da base para o topo e, com isso, permite a melhoria da qualidade de vida de todos os entes envolvidos, baseando-se nos princípios da cooperação e da solidariedade.

A produção solidária desenvolve-se por meio de empreendimentos que desenvolvem atividades associativas, quer seja de trabalho, quer seja de recursos materiais. Dentro do associativismo encontra-se o cooperativismo, que é a associação de pessoas com objetivos comuns, que buscam resolver seus problemas conjuntamente (GAIGER, 2008).

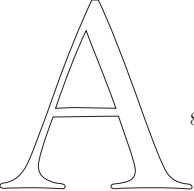
A cooperação como forma de organização por meio de cooperativas surgiu na Europa, na metade do século XVII. Seu grande objetivo era organizar as pessoas coletivamente a partir de interesses comuns, intervir em processos produtivos como forma de organização econômica para melhorar os ganhos e, conseqüentemente, a vida das pessoas. O grande diferencial dessa forma de organização, desde o seu princípio, foi aliar a união das pessoas, criando uma consciência coletiva, com a organização produtiva, visando construir novas relações de trabalho e uma sociedade embasada nos princípios da solidariedade, em busca do bem-estar econômico e social (ARROYO; SCHUCH, 2010).

O interesse pela constituição de formas organizativas de trabalho baseadas no associativismo, no cooperativismo e no mutualismo sempre esteve presente nos projetos e nas realizações referentes às mais diversas sociedades. Desde os grupos primitivos, que se dedicavam às atividades coletivas de caça, pesca, criação de animais e agricultura rudimentar, tendo a luta pela sobrevivência como motivação primordial, os homens vêm se desenvolvendo por meio de diversificadas iniciativas de trabalho relacionadas às mais diversas formas de integração: bandos nômades, tribos segmentadas, organizações comunais, entre outras (LISBOA, 2007).

Desta maneira, para Mance (2008), para vencer o modelo de produção capitalista, é necessário aos produtores que se unam em cooperativas, nas quais é possível alcançar ganhos de escala na produção de bens e na organização e otimização do trabalho, em que os resultados são distribuídos entre os associados.

#### *COOPERATIVAS TRADICIONAIS E COOPERATIVAS DESCENTRALIZADAS*

Deve-se aqui ser feito uma distinção importante entre as cooperativas tradicionais e as cooperativas da agricultura familiar ou descentralizadas. As cooperativas tradicionais encontram-se presentes nas mais diversas atividades rurais, principalmente aquelas ligadas à produção de *commodities* agropecuárias, caracterizadas por grande escala de produção e pela padronização dos produtos, com preços predeterminados no mercado internacional e com vocação exportadora (EID; CHIARIELLO, 2007). É o sistema orientado pelos indicadores de produtividade, eficiência técnica e econômica, o qual é pautado nos resultados.



Já as cooperativas descentralizadas, segundo Bialokorski Neto (2002), caracterizam-se por não apresentarem ativos imobilizados e estruturas de beneficiamento e comercialização próprias. Estas organizações não têm a sua vantagem de custos nas economias de tamanho e escala, mas objetivam a vantagem de custos na ausência de manutenção e nos investimentos em ativos próprios imobilizados, funcionários e corpo administrativo próprios. Estas cooperativas ditas 'descentralizadas' são organizações cooperativadas caracterizadas por pequeno número de sócios, entre 20 e 30 na maioria dos casos, que não possuem prédios ou administração, que movimentam pequena quantidade de produtos, mas com diferenciados padrões de qualidade, orientados de forma consciente para nichos de mercados.

No Brasil, mais especificamente na Região Sul, de acordo com Estevam *et al.* (2011), as cooperativas descentralizadas surgiram por volta do ano 2000, por meio do incentivo da Emater do Estado do Paraná. Ainda segundo os autores, através deste modelo foi possível a criação de um modelo de cooperativa sem a necessidade de grande patrimônio, pois cada associado já tem estruturada a produção em sua propriedade, uma pequena Unidade Familiar de Produção (UFP). A cooperativa possui a estrutura administrativa, a qual garante aos produtos das UFPs as formalidades jurídica, tributária e sanitária necessárias para que possam atingir o mercado em conformidade com a legislação vigente, ou seja, sair da informalidade.

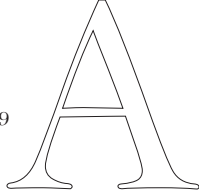
Neste modelo de cooperativa descentralizada, a busca não é pela escala de produção de produtos comoditizados, e sim pela proposta de diferenciação dos produtos. Estes produtos buscam atender aos nichos de mercado, com a intenção de manter os saberes e os sabores dos produtos artesanais e a própria cultura da região onde são produzidos, com a prática do comércio justo.

No cooperativismo tradicional, a cooperativa cresce e constitui grandes patrimônios. Este enriquecimento nem sempre é revertido em benefício aos associados, uma vez que estes não têm o controle no gerenciamento sobre a produção, após o momento da entrega da produção à cooperativa. Ao passo que nas cooperativas descentralizadas, o resultado obtido no processo de produção e comercialização pelos cooperados em suas UFPs é revertido para estes, descontando-se apenas o suficiente para cobrir os custos operacionais da cooperativa. Segundo Estevam *et al.* (2012), na cooperativa tradicional a cooperativa cresce e o associado, na maioria dos casos, permanece estagnado. Na cooperativa descentralizada, os associados crescem e a cooperativa apenas engrandece pelo reconhecimento social da marca.

Com a cooperativa descentralizada, a produção dos agricultores pode ser comercializada de diversas formas: desde a venda para o mercado tradicional, nas Feiras de Economia Solidária e de agricultura familiar, para programas governamentais, para lojas de conveniência, em 'porta em porta', na UFP, dentre outras. Uma das formas principais de venda que vem ganhando força atualmente é a venda através de feiras populares. No item a seguir, discute-se sobre a criação e o funcionamento da Feira de Economia Solidária da Unesc.

#### FEIRA DE ECONOMIA SOLIDÁRIA DA UNESC: ENCURTANDO O CAMINHO ENTRE O PRODUTOR E O CONSUMIDOR

Os caminhos para se alcançar o mercado têm sofrido algumas mudanças nos últimos anos. Há pouco tempo, o produtor realizava a produção de produtos alimentares e artesanais em sua propriedade utilizando-se dos recursos naturais, insumos, máquinas e equipamentos disponíveis.



Não era necessário preocupar-se com o destino do que foi produzido, pois havia um acordo tácito entre o produtor e os intermediários, que vinham até a propriedade buscar os produtos e se encarregavam em efetuar a distribuição junto ao mercado consumidor.

As transformações da agricultura familiar, nos últimos anos, foram significativas, tanto em termos de crescimento e diversificação, quanto na produção e no consumo. Socialmente organizados sob diferentes formas, os produtores constituíram mecanismos diversos para atuarem em novos mercados, o que tem os tornado menos dependentes dos atravessadores, construindo sua própria trajetória de desenvolvimento econômico.

A forma tradicional de comercialização começou a dar sinais de exaustão na medida em que os produtores percebem que, apesar de estarem produzindo mais e mais, sobram margens cada vez menores sobre os valores efetivamente vendidos. Isso decorre em função de os atravessadores acabarem ficando com a maior parte do processo de produção e comercialização, ou seja, os produtores ficam com a fatia menor de todo o processo.

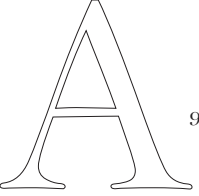
Outra dificuldade sentida pelos produtores é que, ao venderem seus produtos aos atravessadores, 'da porteira para fora', eles acabam perdendo sua identidade junto ao público consumidor e todo aquele reconhecimento que poderia ser obtido em relação aos produtos em função de seus atributos ficam nas mãos dos atravessadores. O produtor, ao vender desta forma, estava perdendo a oportunidade de divulgar os saberes e os sabores da cultura local por meio dos seus produtos, ou seja, estava perdendo a sua identidade cultural. Segundo Maluf (2004), para se manter competitivo no mercado, as UFPs devem perseguir os seguintes objetivos: novos padrões de consumo que valorizam produtos diferenciados, adoção de estratégias de beneficiamento destes produtos e relações mais duradouras de fornecimento dos produtos.

Outro ponto considerado importante nesta relação comercial é que os consumidores vêm buscando avidamente produtos que lhes ofereçam diferenciais em relação aos produtos tradicionais comercializados no mercado. Buscam produtos coloniais, produzidos sem conservantes e aditivos químicos, feitos artesanalmente e que geralmente, como maior garantia, é aquela passada através da recomendação de amigos e conhecidos localmente, além de atributos vinculados à Economia Solidária.

Neste sentido, alguns professores e acadêmicos da Unesc, atentos a esta demanda, em 2011, reuniram-se juntamente com representantes das cooperativas descentralizadas e membros das associações de artesãos que durante alguns seminários e encontros discutiram o que poderia ser feito. Assim, surgiu a ideia de realizar uma Feira de Economia Solidária no *campus* da Unesc.

Nas feiras, segundo Ferrari (2014), sejam elas municipais ou regionais, é possível o encontro entre produtores e consumidores e, deste modo, surgem oportunidades de negócios, em que o quesito mais importante deixa de ser o preço dos produtos e passa a ser a qualidade deles, principalmente pela segurança transmitida pelos vendedores aos consumidores.

Como resultado destas reuniões, ocorreram duas Feiras de Economia Solidária no *campus* da Unesc, que tiveram duração de três dias cada uma, realizadas respectivamente em outubro de 2011 e 2012. Estas feiras foram organizadas pelo PAES-Unesc em parceria com a Epagri. Nessas feiras participaram as cooperativas descentralizadas e as associações de artesãos de toda região do sul catarinense. O objetivo da realização destas duas feiras foi conscientizar a comunidade acadêmica e os empreendimentos de Economia Solidária da Região sobre a importância de se ter uma feira semanal no *campus* da universidade.



Como resultado destas edições, realizadas em 2011 e 2012, chegou-se ao formato da Feira de Economia Solidária atual, a qual foi instalada no *campus* da Unesc. No dia 03 de outubro de 2012 foi assinado um convênio entre os representantes dos empreendimentos de Economia Solidária e da Reitoria, tendo por finalidade implantar uma Feira de Economia Solidária com periodicidade semanal no *campus*. Depois da assinatura do convênio, ainda no mesmo ano, foram realizadas quatro edições da feira durante o período letivo. Em 2013, a FES-Unesc passou a ser realizada semanalmente, todas as quartas-feiras, entre 16h e 22h.

Diversos objetivos foram definidos para a FES-Unesc, contudo cabe ressaltar que a abertura desta possibilidade de comercialização no *campus* foi importante, pois permitiu aos produtores a retomada do contato direto com os consumidores, encurtando a cadeia produtiva, diminuindo o número de agentes que participam do processo e, com isso, gerando maior renda aos produtores. Outro objetivo considerado é que levou os empreendimentos a aprofundar as noções de cooperação e solidariedade, pois acabaram percebendo que individualmente é mais difícil sobreviver no mercado. Passaram a ver os outros feirantes como parceiros e não mais como concorrentes. A criação da FES-Unesc serviu de inspiração a outras feiras da região. Como exemplo, a feira instalada no município de Balneário Rincão – SC, criada seguindo o modelo da FES-Unesc.

A FES-Unesc tem como um de seus objetivos disseminar os princípios da Economia Solidária na comunidade acadêmica, pois o número de pessoas que transitam diariamente no *campus* da Unesc é de, aproximadamente, 10 mil pessoas, entre alunos, professores, funcionários e visitantes.

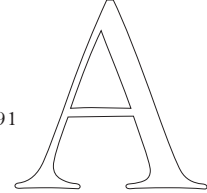
Por um lado, a troca de experiência entre feirantes e consumidores é um dos pontos fortes detectados. Nestas experiências, verifica-se nas conversas mantidas entre eles a descoberta de respostas para muitos de seus problemas. Por outro, os consumidores têm a possibilidade de adquirir ou trocar produtos direto dos empreendimentos participantes da feira, os quais são produzidos na região, além de conhecer e valorizar a cultura local, contribuir para a preservação do meio ambiente por meio do consumo consciente, acessar produtos saudáveis e melhorar a renda dos produtores.

Por fim, a FES-Unesc tem a finalidade de promover a conscientização dos consumidores para o comércio justo, que se baseia em critérios de produção sem uso de trabalho escravo ou infantil; no uso de insumos renováveis; na questão do preço justo; na valorização do trabalho familiar e associativo; na preservação da cultura local; na preservação do meio ambiente como prerrogativa principal de produção; na questão da melhoria da qualidade de vida das pessoas, em função de consumir produtos de melhor qualidade; no desenvolvimento social, uma vez que, ao obterem maior renda familiar, os produtores conseguem socializar com seus pares os ganhos obtidos e, assim, todos saem beneficiados com o processo.

#### *FÓRUM DE ECONOMIA SOLIDÁRIA DA REGIÃO SUL CATARINENSE*

Paralelo à criação da FES-Unesc, o Fórum de Economia Solidária da Região foi criado para servir como espaço de discussão sobre as questões ligadas à feira, aos feirantes e aos empreendimentos de Economia Solidária e assuntos da Economia Solidária regional e nacional. Diversas entidades e instituições têm assento na plenária do Fórum, tais como o PAES-Unesc,





os projetos de extensão universitária ligados a ele, a Epagri, o Conselho Municipal de Segurança Alimentar de Criciúma, a Cáritas Diocesana, a Associação Feminina de Assistência Social de Criciúma (AFASC), a Colônia de Pesca Z33 do município de Balneário Rincão e a Associação de Mulheres do Mirassol de Balneário Rincão, a Associação de Mulheres Artesãs da Comunidade de Coqueiros, a Cooperativa de Pesca e Agricultura Familiar do município de Içara (COOPAFI), a Cooperativa Nosso Fruto e as associações de artesãs Criarte e Mãos que Criam de Criciúma, a Cooperativa de Produção Agroindustrial dos Agricultores Familiares de Forquilha (COONAFOR), a Cooperativa de Agricultores Familiares de Nova Veneza (COOFANOVE), a Cooperativa Familiar Agroindustrial do Sul Catarinense de Urussanga (COOFASUL) e a Cooperativa de Agricultura Familiar Fumacense, de Morro da Fumaça (COOAF).

As reuniões ordinárias do Fórum ocorrem na primeira quarta-feira de cada mês das 14h às 16h. A coordenação do Fórum, atualmente, é de responsabilidade do PAES-Unesc, que consulta os presentes e elabora a pauta dos temas que serão discutidos durante a reunião. Como forma de fortalecer e divulgar a Economia Solidária, no início de cada reunião sempre acontece um momento de formação, em que se discute um tema relacionado com a Economia Solidária. Em seguida, discutem-se as questões estruturais e de gestão da feira, quando se busca dar encaminhamentos e orientações para a resolução dos problemas e das dificuldades pertinentes à feira. Discutem-se, ainda, assuntos diversos ligados à Economia Solidária, como apoio a novos grupos em formação, participação de empreendimentos em feiras municipais e participação de empreendimentos em eventos para comercialização de produtos.

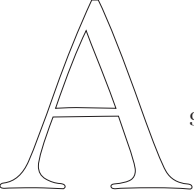
O fórum é ainda ponto de referência para a realização da Conferência Regional de Economia Solidária, em que se segue a metodologia própria da Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES) para escolha dos delegados regionais que representarão a região na Conferência Estadual de Economia Solidária e onde serão escolhidos os delegados estaduais para participar da Conferência Nacional de Economia Solidária.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo buscou-se discutir temas pertinentes sobre os empreendimentos de Economia Solidária em suas diversas formas organizativas, seja através de associações ou de cooperativas descentralizadas, de como alcançar novas oportunidades de mercado. Atualmente, muitos consumidores estão mudando seus hábitos alimentares e suas preferências, atributos como preço do produto passa, em alguns casos, a ser secundário, colocando outros valores como mais importantes na hora da tomada de decisão de compra.

Dentre estas características pode-se citar: a qualidade, a diversidade de produtos, o sabor colonial, o uso de menor quantidade de insumos industrializados, os atributos culturais e as receitas tradicionais, com forte apelo ao local de origem do produto, comércio justo, formas de produção autogestionárias, entre outros.

Entretanto, para que estes produtos alcancem os consumidores, é necessário que estejam disponíveis em locais nos quais os consumidores, adeptos ao comércio justo, estejam dispostos a pagar um valor adicional pelos atributos citados anteriormente. Os locais mais indicados e que têm maior adesão para estes consumidores são as Feiras de Economia Solidária. Na FES-Unesc, que acontece semanalmente no *campus* da Unesc das 14h às 22h, os agricultores familiares e os



artesãos ofertam estes produtos diferenciados em um espaço que se identifica com estas práticas. Paralelo à Feira, é realizado mensalmente o Fórum de Economia Solidária, em que são discutidos assuntos relativos ao tema da Economia Solidária.

Desta forma, a Feira e o Fórum de Economia Solidária mostram-se como instrumentos válidos e importantes para auxiliar no processo de consolidação desta nova forma de mercado.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, J. C. T.; SCHUCH, F. C. **Economia popular e solidária: a alavanca para um desenvolvimento sustentável e solidário.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

BIALOSKORSKI NETO, S. Estratégias e cooperativas agropecuárias: um ensaio analítico. In: SEMINÁRIO DE POLÍTICA ECONÔMICA E AGRONEGÓCIOS, 14, 2002, Viçosa. **Anais...** Viçosa: UFV, 2002.

EID, F.; CHIARIELLO, C. L. A Economia Solidária diante do debate entre os pensamentos liberal e marxista contemporâneo sobre a organização do trabalho nas cooperativas. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS DO TRABALHO, 2007, Salvador. **Anais...** Salvador: ABET, 2007.

ESTEVAM, D. O. et al. Cooperativismo virtual: o caso da cooperativa de produção agroindustrial familiar de Nova Veneza (COOFANOVE), em Santa Catarina. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v.28, n.2, p. 485-507, maio/ago. 2011.

FERNANDES, A. E. B. **O perfil da agricultura familiar brasileira.** 2009. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/o-perfil-da-agricultura-familiar-brasileira/16496/>>. Acesso em: 27 set. 2015.

FERRARI, D. Reciprocidade e trocas mercantis: a natureza das relações na feira livre. In: ESTEVAM, D. de O.; MIOR, L. C. **Inovações na agricultura familiar: as cooperativas descentralizadas em Santa Catarina.** Florianópolis: Insular, 2014, p. 129-160.

GAIGER, L. I. A Economia Solidária e o valor das relações sociais vinculantes. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 11, n. 1, p.11-19, jan./jun. 2008.

LISBOA, A. M. Economia Solidária e autogestão: imprecisão e limites. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 45, n. 3, p. 109-115, jul./set. 2005.

LISBOA, A. M. **Economia Solidária Hoje: significado e perspectivas.** Disponível em: <<http://cnm.ufsc.br/files/2013/09/armand05-041.pdf>> Acesso em: 24 mai. 2015.

MANCE, E. A. **Constelação Solidarius: as fendas do capitalismo e sua superação sistêmica.** Passo Fundo: Instituto Superior de Filosofia Berthier, 2008.

MALUF, R. F. **Liberalização comercial e os mercados de produtos agro alimentares para a agricultura familiar.** Rio de Janeiro: CPDA/UFRJ, 2004. 58 p. (Relatório de Pesquisa).

PLOEG, J. D. V. **Camponeses e Impérios Alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na Era da Globalização.** Porto Alegre: UFRGS, 2008.

SINGER, P. I. **Introdução à Economia Solidária.** São Paulo: Perseu Abramo, 2002.

YIN, R. K. **Estudo de Caso: planejamento e métodos.** 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.